

HISTÓRIA DE JACAREPAGUA

Quando em 1.º de março de 1565, Estácio de Sá fundou o Rio de Janeiro entre os morros Pão de Açúcar e Cara de Cão, ninguém imaginava que depois haveria convêniencia de criar a "Paróquia de N.S. do Loreto e Santo Antônio" em Jacarepagua onde habitava numeroso povo, e sendo por este motivo assaz incômodo os recursos dos Santos Sacramentos, não só aos que ali residiam, mas aos das terras centrais até a Fazenda de Santa Cruz.

Sabe-se, pela memória escrita à fl.1 do livro dos batismos, que o Prelado Manoel de Souza Almada criara no dia 6 de março de 1661 a Freguesia, dedicando-a a N.S. do Loreto e Santo Antônio.

A região que constitui a bacia hidrográfica de Jacarepagua teve sua propriedade, originalmente, dividida em duas grandes sesmarias.

A primeira delas foi obtida, ao que parece, em 1624, por Salvador Corrêa de Sá e Benevides, Governador do Rio de Janeiro. Limitava-se a Leste com a Barra da Tijuca, compreendida a atual área urbanizada de Jacarepagua e parte da Taquara e a Oeste limitava-se com a outra sesmaria, a de Gonçalo Corrêa de Sá, pelo rio Pavuna e a seguir por uma linha teta até o mar. Incluía, assim, as lagoas Camorim e Tijuca e parte de Marapendi.

A sesmaria de Gonçalo Corrêa de Sá estendia-se pela costa a partir de um ponto situado a cerca de 6,5 km da Barra da Tijuca até a Serra Geral de Guaratiba, acompanhava a sua linha cumeada até a Pedra Branca e valtava a limitar-se com a Fazenda do Engenho Novo e o rio Pavuna.

A sesmaria de Salvador Corrêa de Sá foi vendida à família Serpa Pinto por volta de 1894, constituindo a antiga Fazenda da Restinga, e posteriormente alienada a Geraldo Rocha, cerca de 1920.

Este e Carlos Kiel, em 1927, posteriormente, vendeu a área em diversas glebas, a Eugênio Lefève (Tijucamar), Euvaldo Lodgi (Jardim Oceânico), Diederich, De Giorgi, Mac Gragry e outros.

A sesmaria de Gonçalo Corrêa de Sá recebeu por herança testamentária, D. Victória Corrêa de Sá, sua filha, e de D. Esperança casada com D. Luiz de Caspedos Xeria, que foi Governador geral do Paraguai e de quem ficou viúva sem filhos.

Em 30 de janeiro de 1667, meses antes de falecer, fez D. Victória de Sá redigir o seu testamento, do qual constava:

"Declaro que as terras desde o rio Pavuna até o mar e correndo a costa até junto da Guaratiba, com seus montes, campos, restingas, lagoas e rios, são meus, que nomeio e instituo por herdeiro universal de todos

os bens aqui nomeados e dos que adiante por alguma razão me pertença, ou seja herdeita ou restituição de minha alma ao Mosteiro de São Bento da Inovação de N.S. de Monteserrat, desta Cidade do Rio de Janeiro."

Depois de estabelecer outrás encargos pios, dispôs a testadora:

"Mando que, todos os anos, no dia do meu falecimento, me cantam os Religiosos do dito Mosteiro um ofício e missa cantada por mim e meus defuntos e no principio do ano que sera de nove lições(?) translaçarão os ossos de meu pai, minha mãe e de meu marido para a minha sepultura... mando que todos os anos no dia do Glorioso S. Gonçalo se faça festa na igreja de Camorim..."

A 26 de agosto do mesmo ano de 1627, falecia D. Victória de Sa, entrando na posse da herança o Mosteiro de São Bento, cujos monges aqui se haviam estabelecido em 1589, vindos da Bahia.

Por 224 anos, ou seja, de 26 de agosto de 1667 (meados do século XVII) a 3 de fevereiro de 1891 (fins do século XIX) estiveram as terras em mãos dos monges de São Bento, que as exploraram e fizeram produzir, nos moldes tão do agrado daquela Ordem.

Foi durante esse período que floresceram ali as Fazendas de Camorim, Vargem Grande, Vargem Pequena, onde além da cultura de cana e da criação de gado, teve grande desenvolvimento o plantio de mandioca.

Achavam-se esses engenhos localizados na Freguesia de N.S. do Loreto de Jacarepagua, criada a 6 de março de 1661.

Atendendo a uma representação dos moradores de Grumari, a Regência do Império, em nome do Imperador e pelo Aviso nº 190 de 28 de julho de 1835, fez desmembrar de Jacarepagua aquela parte incorporando-a à Freguesia do Mundo Novo de Guaratiba, criada a 1º de outubro de 1667, correndo o novo limite pelo rio Vargem Gde, daí conhecido como rio da Divisa.

Por ocasião da perseguição feita aos jesuitas em 1760, sofreram também os Beneditinos muitos dissabores, Os procuradores do Visconde de Asseca, proprietário da sesmaria limitrofe e que se achava em Portugal, tomaram a iniciativa de contestar a herança de D. Victória de Sa, no que foram depois desautorados pelo próprio Visconde. Teve particular atuação nesse episódio Frei Miguel Da Conceição, 54º Abado do Mosteiro, o qual conseguiu manter intacta a propriedade da Ordem.

17

Balthazar da Silva Lisboa, nos seus "Annaes do Rio de Janeiro" (1835), Tomo VI, nos dá interessantes informações sobre a atividade beneditina naquela região. O parágrafo 60, por exemplo, conta que Frei Gaspar e Madre de Deus (natural de Santos, filho do Coronel Domingos Teixeira de Azewedo e de D. Ana de Serqueira Mendonça, de distinta família de S. Paulo), prelado notável "pelas suas letras, nobreza e virtudes":

"Foi presente em todas as partes, dando providências para não se desencaminharem os bens, como para fazer rendosos e úteis, subministrando-lhes excelentes administradores para fazer prosperar todos os ramos da indústria."

E acrescenta:

"Fez a casa da Fazenda da Vargem, forneceu à Fazenda braços, abriu valas, pastos e caminhos e secou pântanos, obteve a comunicação entre as Fazendas da Lagoa, (de Jacarepagua) que abastecia seus vizinhos. Aquela casa foi edificada de pedra e cal com janelas e portas de cantaria..."

O parágrafo 67, a respeito do Abade Frei Lourenço da Expectação Valadares, empossado em 13 de junho de 1777, diz:

"Não foi menos vigilante e ativo nos melhoramentos das fazendas: -LEVANTOU UMA NOVA NOS SERTÕES DO ENGENHO DA VARGEM, onde no anterior triênio se mandara derrubar as árvores para se lotearem aqueles terrenos, e serem agricultados, os quais produziram prodigiosas colheitas de cereais, QUE SE PUDEAM IMPORTAR PELA NOVA E LONGA ESTRADA QUE ABRIA PARA O RIO (RIO DE JANEIRO), levantando uma tercena para receber madeirãs de 120 palmos de comprimento e 45 de largura, coberta de telhas conduzida por dez léguas de caminho, e cobriu uma outra que recebia 2.000 alqueires de farinha com dois quartos ao lado assoalhos para habitação do Administrador; levantou um engenho de desmanchar mandioca, cujas três rodas eram movidas por água, e nossas benfeitorias úteis consumiam 11.000 cruzados, entrando a compra de 66 escravos, com o que obteve mais de 2.600 alqueires de farinha, 300 de feijão e grandes suprimentos de arroz e milho, com que abasteceu a muitas das fazendas em suas precisões".

A 29 de setembro de 1871, os beneditinos emanciparam seus escravos, antecipando-se assim em quase 17 anos à Lei Áurea.

Com o advento de maiores dificuldades para o Mosteiro e por

escritura pública de 5 de janeiro de 1891, foram as propriedades vendidas à Cia. Engenho Central de Jacarepagua, da qual eram diretores Pedro Dias Gordilho Paes Leme, Theotônio Santiago de Miranda e Antônio Barroso Fernandes.

Esta mesma companhia, já no mês seguinte, a 3 de fevereiro, alienou os ditos bens ao Banco do Crédito Móvel, pela importância de mil contos de réis.

No Camorim, onde se encontrava a principal das três sedes de engenhos, a casa grande foi por Magalães Corrêa desenhada a bico de pena e chegou a servir mesmo de escola municipal.

A capela de São Gonçalo de Amarante, padroeiro da região, foi levantada no mesmo local por concessão do Prelado Mateus Da Costa Amorim, datada de 4 de outubro de 1625, a requerimento de Gonçalo Corrêa de Sa. Ainda lá se encontra, necessitando urgente de cuidados a que sua anciedade dá direito.

O lugar onde foi construída denominava-se então Pirapitingui, que significa "peixe de escama branca", e veio a chamar-se depois Camorim, hoje um vale pitoresco, dividido em inúmeras propriedades rurais e com boa produção agrícola.

FORTIFICAÇÕES EM JACAREPAGUA

Hoje existem três estradas de ligação entre Jacarepagua e o centro da cidade.

O primeiro, é o caminho já usado pelos Tamoios, e a estrada que passa pelo Alto da Boa Vista, hoje a Estrada das Furnas. A segunda deve ter sido a mais antiga, isto é, as ruas pelas quais passam atualmente os ônibus: Cascadura-Taquara, Freguesia etc., normalmente os exploradores de terras usam o caminho da costa do mar para o interior do país.

A terceira, e a mais recente é a estrada Grajau-Jacarepagua inaugurada em 1957, portanto a mais recente do lado de Jacarepagua.

Já no ano de 1710, ela serviu aos franceses em sua invasão no Rio de Janeiro, conforme Rocha Pombo, em sua História do Brasil.

Acredito que muitos dos moradores de Jacarepagua, inclusive do antigo Estado da Guanabara, já ouviram falar da citada estrada, hoje Av. Menezes Cortes, mas desconhecem o seu lado histórico.

Em meados de janeiro de 1957, era inaugurada a Av. Menezes Cortes (Estrada Grajau-Jacarepagua), portanto a estrada mais recente do lado de Jacarepagua, e uma das mais antigas entre Jacarepagua e a garganta do Mateus.

A sua parte histórica inicia-se no ano de 1710, quando serviu aos franceses em sua invasão ao Rio de Janeiro, conforme Rocha Pombo em sua História do Brasil.

Duclerc não conseguindo entrar na então Baía de Guanabara, desembarcou no dia 10 de setembro de 1710 com aproximadamente 1600 homens em uma praia próxima à de Guanabara e tomou o caminho da Cidade, vindo pela Estrada do Camorim, dos Três Rios, Grajau-Jacarepagua, Garganta do Mateus chegando ao Engenho Novo no dia 18 do mesmo mês.

Provavelmente o Marquês de Lavradio, já no ano de 1777, lembrando-se da lição que Duclerc havia dado à Cidade no ano de 1710 resolveu então fortificar os pontos fracos por ele considerados naquela época,

Começou colocando duas baterias na Barra da Logoa, outras duas com os nomes de Itapuca e Pontal na praia próxima de Sernambetiba (hoje Recreio dos Bandeirantes), três na Garganta do Mateus e no desfiladeiro do Engenho Novo e Estrada Grajau-Jacarepagua, isto é, uma bateria em cada local desses citados, duas baterias na Barra da Tijuca e Alto da Boa Vista, todas elas com o único fim, cobrir as estradas para a cidade, se por ventura desembarcasse alguma força, entre a Ponta da Gávea e a Barra de Guaratiba, conforme podemos ler em "fortificações do Brasil", de Augusto F. de Souza (artigo na revista Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro tomo 48, parte 2ª de 1885).

Ainda pelo ano de 1935, a Prefeitura pretendia assentar canhões da Fortaleza dos Três Rios sobre base de concreto, no mesmo local a 400 metros de altitude, dando ciência à prosperidade e ao mesmo tempo servindo de atração turística, mas infelizmente o projeto não foi executado.

O mais triste depois disso, é o seguinte: os canhões que no ano de 1945 ainda estavam no lugar, sumiram como que por encanto; possuíam a data de 1775, eram de bronze, grosso no fim e alongado na boca; o seu carregamento era feito pela boca; primeiro colocava-se a pólvora, a seguir os "bolotos" (bolas de ferro), detonava-se pelo ouvido com um estopim.

Ninguém sabe informar com precisão o fim que essas peças levaram entre os anos de 1945 e 1950, época do desaparecimento.

HISTÓRICO

JACARÉPAGUA, essa localidade outrora tão procurada por quem não podia demandar as estações de veraneio e sempre recomendada pelas sumidades médicas como local de convalescença para todas as enfermidades, tem como todos os arrabaldes do Rio, a sua historia intima.

Quem, hoje, afasta-se um pouco de seu centro populoso, galgando as suas serras, penetrando nas matas que, embora escasas, ainda assim existem e ouve o murmuro de seus regatos, envolto uma atmosfera amena e reconfortante, encontra vestigios de uma era de grande prosperidade que fez de Jacarépagua um dos maiores centros industriaes e agricolas do Rio.

As suas serras eram vestidas de cafesaes, as suas margens, cuja terrada uma exuberancia sem igual, olhadas das alturas, davam a impressao de um infinito tapete verde onde aultava a plantação de canna de assucar que alimentava os seus formidaveis enjenhos de cachaça e assucar. Os seus rios e bem assim suas formosissimas lagôas, era navegaveis. Existiam na lagôa de Jacarépagua, nessa epocha, sete portos, e todos elle s movimentados, onde, frequentemente, fundeavam lanchas e recobadores de alto mar que faziam o transporte de assucar e cachaça.

Os principais eram o da Tijuca e do Enjenho d' Agua. No local onde, hoje, o rio Fundo atravessa a rua Edgard Kerneck, antiga Banca Velha, foi, ha cem annos atraz, um porto de grande movimento. Ahi existiam muitos armazens, dando o rio nesse local,

oalado para grandes embarcações.

Para se ter uma idéa da grandezza da localidade basta lêr-se o Relatorio do Vice-Rei Marquez de Lavradio, em 1779. Por esse documento verifica-se que nessa epocha, Jacarépaguá possuia 8 engenhos a saber:º

- 1º - o de FORA - de D. Anna Maria de Souza Pereira com 25 escravos, fabricando 14 caixas de assucar e 15 pipas de cachaça.
- 2º - o de SERRA - de Manoel Rodrigues de Aragão, com 110 escravos, fabricando 19 caixas e 20 pipas.
- 3º - o de CAMORIM - dos Padres Benedictinos, com 90 escravos, fabricando 18 caixas e 15 pipas.
- 4º - o da VARGEM - tambem dos Padres, com 70 escravos, fabricando 10 caixas e 15 pipas.
- 5º - o do RIO GRANDE - do Capitão Manoel Pimenta, com 40 escravos, fabricando 25 caixas e 8 pipas.
- 6º - o do ENGENHO D'AGUA - do Visconde de Assoa, com 30 escravos, fabricando 18 caixas e 14 pipas.
- 7º e 8º - os VELHO e NOVO da TAUBARA do Dr. Juitz de Orphãos Francisco Telles Barreto de Menezes. O VELHO, em 1770 deixou de moer, sendo reformado em 1771, o NOVO, levantado em 1768. Ambos tinham em conjuncto, nessa epocha 80 escravos e a sua produçõo era de 40 caixas e 40 pipas.

A situação commercial de Jacarépaguá, continuou em franco progresso, tendo a ttingido o seu apogeu do anno de 1800 até o meado do seculo dezoove.

Nessa ultimo periodo o fausto de Jacarépaguá era notavel. As suas fabricas em pleno funcionamento, os seus senho-

22

res, eram, sem excepção, membros destacados da Côrte Imperial. S.M. o Imperador, visitava frequentemente a Fazenda da Taquara, onde tinha aposentos permanentes. O círculo de notáveis era composto de personalidades de valôr, onde realçavam os Viscondes de Assêca, os Marquezes de Jacarêpaguá, o Juiz de Orphãos Dr. Francisco Telles Barreto de Menezes, cujos descendentes ainda são os donos da Taquara, o Camarista João de Sequeira Theótim, que foi proprietário do ENGENHO DA SERRA, o Conde de Lages, que teve um engenho na Covança e ainda muitos outros vultos de real prestígio.

Esse apogeu verificou-se depois que o Rei de Portugal permittiu aos Viscondes de Assêca, o desmembramento da grande Sesmaria que abrangia quasi toda Jacarêpaguá e que esse dividiu-a em varias glebas dando-as por afôramento.

No anno de 1852 o Commandador Francisco Pinto da Fonseca, adquiriu de José Maria Corrêa de Sá, irmão do Visconde de Assêca, a historica propriedade do ENGENHO REAL D'AGUA de NOSSA SENHORA DA CABEÇA que fôra sempre a sede principal do grande morgadio dos Assêcas. Nessa occasião existiam no cultivo de suas terras 150 escravos que foram adquiridos pela somma de 70:000\$000.

A Fazenda da Taquara como vimos atraz é a mais importante, não só pelo numero de escravos, que chegou a atingir ao total de 800, como tambem pela sua produção agricola e situação topographica, privilegiadissima, o que a tornava, socialmente, o ponto culminante da jheora parochia carioca. O seu penultimo proprietario, o saudoso Barão da Taquara, foi, podemos affirmar sem receio de contestação, o mais popular e querido senhor que encantava com a sua fidalguia e fineza de attitudes. De uma nobreza commovedora, sem par, deu da mesma uma prova flagrante, libertari-

de, antes da lei de 13 de Maio, ceboas de 800 escravos que commovidos pela grandezza do gesto, juraram só se apartarem de seu benemerito senhor pela morte. A prova é que nenhum se afastou da sede da Fazenda, passando todos elles, de escravos a parceiros agricolas, continuando dessa fórma a cultivarem as suas terras, alimentando os seus engenhos, os quoes só deixaram de funcionar em 1913.

- NOSSA SENHORA DA PENNA - (Nava)

Não se pôde falar em Jacarépaguá sem se fazer uma referênciã especial á Capella de N.S. da Penna, uma reliquia sagrada que se ostenta dominadora no alto do ~~monte~~ ^{colina} do mesmo nome. Como todas as capellinhas que enfeitam os cimos das Colinas de todos os logarejos, de maior ou menor população, do nosso querido Brazil, a da Penna tem a sua lenda, como as demais cheia de poesia evocativa de milagres authenticados pelos inumeros devotos que vão legando aos seus descendentes, sempre envolto no mysterio impenetravel, que muitas vezes torna um facto vulgarissimo e accidental, em uma lenda que o tempo imprime fóros de authenticidade. Contam que um escravo da antiga propriedade do Incenho da Serra a quem estava confiada a vigia de um rebanho de novilhas, ao voltar uma tarde para fazer recolher as rezes ~~das~~ currais da Fazenda, deu por falta de uma vitella, justamente a mais bonita da manada e pe por isto merecia as melhores attentões do seu austero senhor. Sabedor que ser-lhe-ia applicado um rigoroso castigo o pobre do escravo pôz-se a implorar a Virgem Maria que lhe mostrasse onde se encontrava a rez transviada. E foi tal a fé com que essa supplica foi dirigida a Maria, que, olhando para o alto da Colina, pôde divulgar, embora com certa difficuldade, a rez procurada. Rápido dirigindo-se ao local, encontrou com a novilha o alivio para o seu espirito preoccupado. Ahí mesmo, contricto,

fez as suas preces de agradecimento á Virgem, ficando deslumbrado ao notar que proximo do local onde orava, estava uma imagem. Mais rapido ainda voltou á Fazenda pondo o seu senhor a par do acontecimento. Immediatamente Manoel Rodrigues de Aragão que era o dono da propriedade dirigiu-se ao local verificando a realidade do facto, fazendo remover para a sede da Fazenda a preciosidade que carinhosamente tinha trazido, collocando-a em um oratorio que fechara, guardando religiosamente a respectiva chave. A nova correu por toda a Fazenda e foi o assumpto unico daquelle noite. No dia seguinte pela manhã, acompanhado das pessoas da familia e dos escravos que iam para o sítio, Aragão, ~~dirigiu-se~~ ^{dirigiu-se} ao oratorio, para, diante da nova imagem, fazer a sua oração matinal, teve uma surpresa que o deixou attonito: abrindo, com a chave, que, desde a vespera conservava em seu poder, encontrou o nicho vazio. Ordenou que todos os seus escravos fossem procurar a imagem e o mesmo que na vespera havia sido o primeiro a encontrá-la, ~~encontrou-a~~, voltou ao mesmo local e lá encontrou-a novamente.

Tomando como uma indicação da própria Santa, resolveu Aragão mandar construir, alli mesmo, a sua Capella, fazendo mister de doação de uma grande área de terreno onde hoje, augmentada, e cada vez mais bella, existe a Capella dirigida por uma Irmandade que completa este anno o seu centenario, pois foi organizada em 1836.

27/4/36
 M.